

LAGRÉE, Michel. *Religião e tecnologia: a benção de Prometeu*. Bauru: EDUSC, 2008. 506p.

Por Diogo da Silva Roiz  
Doutorando em História pela UFPR (Bolsista CNPq)  
Professor da UEMS, campus Amambai

André Dionei Fonseca  
Mestrado em História pela UFGD (Bolsista CAPES)

São inúmeros os trabalhos que versaram acerca da recusa romana ao “modernismo” em todos seus matizes. Não eram poucas as publicações ultramontanas e nem os nomes envolvidos nesse movimento que se destacaram na tarefa de atacar ao mundo moderno: Louis Bonald, Louis Veuillot, Monsenhor Gaume, Monsenhor Berteaud, Juan Donoso Cortés, Léon Bloy entre muitos outros. Desde a década de 1960, pelo menos, várias pesquisas deslocaram sua atenção da instância institucional das Igrejas para analisar como se formam as comunidades religiosas, isto é, não apenas estudar o discurso institucionalizado veiculado pelo líder religioso, mas também as formas como o discurso é apreendido e reelaborado pela comunidade dos fiéis. Esse movimento de análise do fenômeno religioso tem contribuído ainda para uma total reavaliação da elaboração do próprio discurso das Igrejas.

Entre os vários autores preocupados com essas questões como é o caso de Jean Delumeau, encontra-se Michel Lagrée (que foi professor de História contemporânea da Université de Rennes 2) que nos apresenta em seu livro *Religião e Tecnologia* o resultado de mais de três décadas de pesquisas sobre as relações entre religião e modernidade, com vistas a questionar a forma como tal relação havia até então sido analisada. A abordagem do trabalho é inovadora, sobretudo por se lançar no desafio de aproximar a história religiosa com a história das técnicas; ambas tão segregadas, pelo menos, nos dois últimos séculos, em que vários trabalhos se ocuparam em apontar os possíveis confrontos entre religião e modernidade.

Quando se consegue unir esses pólos tidos como contraditórios, justificando a vizinhança entre história da religião e da técnica, o resultado é surpreendente. Sobretudo por fugir de interpretações que focalizavam técnica e religião meramente como esferas antagônicas. Nesse sentido, *Religião e Tecnologia* demonstra a diferença entre o prescrito e o vivido na política aplicada pela Igreja Católica entre 1800 e 1960, que ficou conhecida por *catolicismo ultramontano*.

O livro foi traduzido pela Edusc em 2002. O texto conta com prefácio do historiador Jean Delumeau, seguido de introdução, nove capítulos e conclusão. Os dois primeiros capítulos compreendem os anos de 1830 a 1960, em que o autor faz uma discussão introdutória sobre o papel de duas frentes católicas que ele denomina de “praguejadores” e “turiferários”.

Os dois grupos viam sobre prismas bastante diferenciados as inovações industriais em geral. Os *praguejadores* atacavam incansavelmente as novidades trazidas pela indústria como: os navios, o vapor, as estradas de ferro, etc. Nas palavras do autor esses praguejadores “representavam uma espécie de elétrons livres no catolicismo da metade do século 19, praticando freqüentemente excesso de linguagem e de teologia: pregadores, jornalistas, escritores, geralmente convertidos e, como tais, levados ao extremo” (2002, p. 69). Eram homens como o jornalista e escritor Louis Veuillot, precursor do catolicismo reacionário e antimoderno que tomava forma a partir de 1840. Dado a provocações, não raro exagerava suas críticas à “besta politécnica”, atacando a indústria e suas máquinas que bestializavam os homens, com suas químicas enganadoras e sua propensão ao materialismo, sempre preconizando a superioridade da Idade Média frente ao “orgulhoso” século XIX.

De maneira oposta, os *turiferários* mantinham amigável relação com as inovações técnicas, defendendo-as através de rebuscado conjunto de argumentos que em muito se aproximava dos argumentos saint-simonistas. São considerações como as do escritor Frédéric Ozanam que propunha uma simbiose entre indústria e civilização cristã. Além disso, o número de bênçãos oferecidas por dignitários eclesiásticos nas inaugurações de pontes, estradas de ferro, portos, minas, usinas, ateliês, novas máquinas industriais etc, dão idéia de como o ultramontanismo aceitava ao seu modo as novas tecnologias. Com riqueza de detalhes Lagrée demonstra os artifícios utilizados nessas bênçãos, desde as adequações semânticas no formulário de bênçãos à utilização de trechos da Bíblia adaptados por metáforas.

Focado nessa tensão entre os “praguejadores” e os “turiferários”, Lagrée destina seis capítulos (do 3 ao 8) a uma análise aprofundada dos conflitos que gravitavam em torno da incursão da técnica no cotidiano religioso. Tais problemas surgiriam com as inovações no setor primário: agricultura e pesca (capítulo 3), com a difusão da energia e materiais (capítulo 4) com as técnicas da vida cotidiana (capítulo 5) com a evolução dos transportes (capítulo 6) nos meios de comunicação (capítulo 7) e nas técnicas de transmissão (capítulo 8).

Cada problema segundo o autor geraria irremediáveis contradições a serem superadas, tais como: como inovar, sem abandonar os velhos modos de trabalho agrícola, utilizando a mecanização, os avanços químicos e biológicos?; como aderir à produção em grande escala conforme propunham os capelães *jacistas*, sem com isso não substituir a água benta pelo DDT (não aceitando o

fim do verdadeiro camponês em detrimento de um moderno agricultor que parecia ter esquecido “algo acima de nós” conforme alertava o *Cahiers du clergé rural*); como conservar a imagem do tradicional pescador com sua pesca à maneira cristã e sua embarcação de sistema madeira-vento sem deixar de aceitar as traineiras industriais com a vantagem de um lucro maior em menor tempo?; como acolher as muitas comodidades trazidas pela eletricidade – principalmente no tocante aos novos utensílios elétricos (microfone, auto falantes, aquecedores, a própria lâmpada substituindo a vela) – sem com isso rechaçar a arrogância moderna que propunha, nas palavras de Leon Bloy, a substituição do “fiat lux” pelo “que a eletricidade funcione”?

Na esteira de polêmicas como essas, o autor revela algumas discussões que surgem com o avanço da metalurgia (é lícito o uso de cálices de alumínio?), da química (é lícito o uso de velas de estearina nos altares?), dos têxteis (é lícito substituir o linho pelo nylon, a seda pelo algodão?) e das técnicas de construção (ferro e concreto nas construções de templos?).

Demonstra ainda que em torno dos meios de transportes não foi diferente: como em alguns momentos definir estradas de ferro, como a estrada do inferno (numa apropriação da cristandade das palavras de Gregório XVI), para o caso das redes férreas do Estado Pontifical. Com as bicicletas ocorria algo semelhante: da preocupação de seu uso por eclesiásticos e mulheres às tradicionais corridas ciclistas em festas religiosas. Com as motocicletas: de insegura e pouco adequada às batinas, a veículo reconhecidamente ágil e econômico. Com os automóveis: de meio de transporte rico e hediondo e ligado à opulência, a instrumento de transporte merecedor de bênçãos específicas. Ademais, foram inúmeras as obras públicas de infra-estrutura de transporte endossadas pelos pontífices demonstrando a aceitação, por parte da Igreja, desses novos transportes terrestres. Neste mesmo sentido caminharam também os debates nas áreas da navegação e do transporte aéreo. Nesse sentido, “turiferários” e “praguejadores” vituperavam os malefícios e benefícios das inovações com lenta, mas contínua, aceitabilidade das novidades que explodiram nesses dois campos de transporte.

A tipografia, as técnicas de duplicação, de reprodução de imagens (com a fotografia e o cinema), o telégrafo, o telefone (principalmente no que se refere ao seu uso na confissão), os sistemas de armazenamento de som (gravação), o rádio, a telegrafia sem fio e a televisão engrossavam o teor das polêmicas. Nesse caso, entretanto, essas técnicas de informação, de comunicações e de transmissões foram não só aceitas (como ocorreu com o conjunto das técnicas), mas sofreu uma forte apropriação por parte da Igreja, por serem extremamente úteis, tanto na organização institucional, quanto na evangelização.

Tudo isso demonstra a *poética da inovação entre criação técnica e religião*, poética essa em que Michel Lagrée se ocupa no nono e último capítulo de seu livro, que abriga uma concisa e profunda revisão de toda a grandeza de informações contidas nos anteriores, além de mapear as influências da religião sobre a criação técnica. Por fim, na pequena, mas não menos importante conclusão, o autor volta a demonstrar a legitimidade da aproximação entre a história religiosa e a história das técnicas.

Ao pesquisar em diferentes arquivos, cotejando enorme variedade de documentos (textos de caráter normativo e regulamentar, as pregações impressas, periódicos como revistas e jornais eclesiásticos, cartas, entre outros) Michel Lagrée descortinou uma face do ultramontanismo até o momento pouquíssimo conhecida. O autor detectou, deste modo, a presença de uma corrente de pregadores, jornalistas e escritores, que em plena vigência da política ultramontana, encontravam espaço para bendizer as inovações técnicas em nome do cristianismo, valendo-se de um conjunto de justificações ideológicas legitimadoras da modernização.

São nomes como os de Padre Félix, Abade Corbière, Monsenhor Landriot, Cardeal Giraud, Monsenhor Fuzete, Cardeal Donnet até mesmo reconhecidos ultramontanos como o Bispo Monsenhor Pie e Monsenhor Plantier, abade Migne e principalmente o polêmico e apaixonado estudioso das ciências matemáticas e físicas Abade Moigno, além de jornalistas e escritores católicos como Frédéric Ozanam, Ernest Hello, com destaque ao tecnófilo Paul Claudel, arguto defensor de inúmeras inovações tecnológicas. Além destes, vultos de maior ressonância no mundo católico aparecem permeados de uma maleabilidade pouco conhecida. É o caso de Pio IX, apreciador profundo do telégrafo e responsável pela multiplicação das linhas de estrada de ferro no Estado Pontifical e mesmo de Pio XII, pioneiro nas mensagens radiofônicas, convicto apreciador da tecnologia e que não hesitava em pedir ao seu chofer que conduzisse o automóvel com mais velocidade.

Essa é a toada que marca o ritmo dessa obra: trabalhando com história da técnica e da religião, apontar como, no caso do catolicismo, houve uma gradativa aceitação e apropriação (mesmo sob a sombra de muita discussão) das prerrogativas advindas da modernização. No entanto, a excepcionalidade deste não tem seus fulcros apenas na ousada tarefa de reunir a história da religião e das técnicas, ou por estudar o fato religioso sem contrapô-lo à modernidade, ou ainda por demonstrar a distância entre o discurso oficial e a prática executada por membros da Igreja.

Pelos menos três pontos corroboram para a sumidade do trabalho. Primeiro, o temperado humor e a fluência da escrita que permitem ao livro uma leitura leve, mesmo considerando a grande documentação aferida pelo autor, a

riqueza dos detalhes e o recorte que abarca cento e trinta anos. Segundo, o corpus documental do livro, consequência da riqueza da grande massa de documentação cotejada pelo autor. Terceiro, a metodologia no trato de variadas fontes, desde os cruzamentos de informações, das análises de “linhas” e “entrelinhas”, à escolha das citações sempre diretas, sucintas e quase sempre sutilmente colocadas no corpo do texto.

A tradução desse livro no Brasil, por toda sua riqueza analítica, mostra-se bastante profícua, uma vez que a originalidade do tema (que preenche uma lacuna na historiografia mundial), abre também horizontes para estudiosos interessados na análise das relações entre a religião e a tecnologia, em solo brasileiro.